

SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: O CONSUMO ENTRE ACADÊMICOS DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DO BRASIL

Lucimare Ferraz¹
Angelo Luis Stappassoli Piatto²
Vinicius Anzolin³
Gabriel Ribeiro Matter⁴
Maria Assunta Busato⁵

Resumo: O objetivo desse estudo foi conhecer a dinâmica do consumo de substâncias psicoativas entre acadêmicos de diferentes cursos numa universidade do sul do Brasil. Trata-se de um estudo quantitativo, realizado com acadêmicos dos cursos de medicina, direito e engenharia civil, por meio de um questionário estruturado. Dentre os acadêmicos, 39,3% já usaram, ao menos uma vez na vida, substâncias psicoativas. As substâncias mais utilizadas foram os tranquilizantes e ansiolíticos (20%). Não se obteve uma evidência estatística quanto o aumento do consumo de substâncias psicoativas ao longo dos anos dos cursos. Conhecer a dinâmica do uso de substâncias psicoativas entre universitários é importante para o planejamento de políticas preventivas que estabeleçam estratégias para a redução e controle dessa realidade no âmbito das universidades brasileiras.

Palavras chave: Estudantes; Universidade; Psicotrópicos.

PSYCHOACTIVE SUBSTANCES: CONSUMPTION AMONG STUDENTS OF A UNIVERSITY OF SOUTHERN BRAZIL

Abstract: The aim of this study was to examine the dynamics of consumption of psychoactive substances among students of different courses at a university in southern Brazil. This is a quantitative study was conducted with academic courses in medicine, law and engineering through a structured questionnaire. Among academics, 39.3% had used at least once in their life. The most commonly used substances are tranquilizers and anxiolytics (20%). No statistical evidence was obtained as increased consumption of psychoactive substances over the years of the courses. Knowing the dynamics of psychoactive substance use among college students is important for planning policies that establish preventive strategies to reduce and control this reality within the universities.

Keywords: Students; Universitie; Psychotropic Drugs

¹Doutora em Ciências da Saúde (Unifesp). Docente do programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Unochapeco.

²Doutor em Ciências Farmacêuticas (UFRG). Docente Programas de Pós-graduação em Farmacologia e Terapêutica e Neurociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³Médico da Marina do Brasil-Rio Grande-RS.

⁴Médico da Secretaria Municipal de Saúde de Entre Rios-SC.

⁵Doutora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da região de Chapecó-Unochapeco.

INTRODUÇÃO

As Substâncias Psicoativas (SPAs) possuem propriedades bioquímicas que alteram as sensações, o humor, a consciência e o comportamento (SEIBEL, 2001). De acordo com a Secretaria Nacional AntiDrogas, as substâncias que alteram o funcionamento cerebral e geram modificações do estado mental, são chamadas de psicotrópicas. O termo psico está relacionado ao psiquismo, que envolve as funções do sistema nervoso central; e trópico significa em direção a. Deste modo, as substâncias psicotrópicas atuam sobre o cérebro, alterando de alguma forma o psiquismo e, conseqüentemente, o comportamento humano (BRASIL, 2009).

O uso de substâncias psicoativas não é um evento recente da história da humanidade, e sim uma prática milenar e universal. No entanto, a partir dos anos de 1960, o uso dessas substâncias vem se tornado uma preocupação mundial, particularmente nos países industrializados, devido a alta prevalência de consumo e os riscos que essas substâncias podem causar à saúde, como por exemplo, tolerância e dependência (TAVARES, BÉRIA, LIMA, 2001).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 10% das populações dos centros urbanos consomem de forma abusiva de substâncias psicoativas, independentemente de fatores como idade, sexo, nível de escolaridade e poder aquisitivo. Com raras exceções epidemiológicas essa realidade se encontra equitativa no Brasil (BRASIL, 2004).

O crescimento no consumo abusivo de substâncias psicoativas é uma problemática que acarreta conseqüências negativas à sociedade, gerando impactos em setores como a economia, a saúde pública e na educação de jovens. Sendo assim o conhecimento do padrão de consumo de drogas psicotrópicas de uma determinada população é essencial no desenvolvimento de programas de prevenção, pois é por meio desse conhecimento que se destroem mitos e se constroem novas estratégias para minimizar o uso e suas conseqüências (PEREIRA et al., 2008).

O II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas realizado no Brasil envolvendo 108 cidades estimou que 22,8% da população em geral, com idade entre 12 e 65 anos, usaram drogas pelo menos uma vez na vida (excluindo álcool e tabaco) (BRASIL, 2010). Os jovens com idade entre 18 e 24 anos apresentam as maiores taxas de uso e nessa faixa etária, os universitários carecem de atenção especial, uma vez que estudos têm demonstrado que eles são mais vulneráveis à iniciação e à manutenção do uso (ECKSCHMIDT, ANDRADE, OLIVEIRA, 2013). Esses dados têm

colocado em pauta a necessidade de se realizar estudos que identifiquem e compreendam as características individuais e acadêmicas que predispõe ao uso e que deveriam ser consideradas no desenvolvimento de estratégias de prevenção e tratamento destinadas a esse segmento social.

As substâncias psicoativas e possíveis efeitos deletérios são temas de relevante preocupação mundial, considerando o número de usuários existentes e seu impacto sobre os indivíduos e a sociedade. Os estudantes universitários compreendem um importante grupo de estudo (BRASIL, 2010). Deste modo, desenvolveu-se essa pesquisa com o intuito de conhecer a dinâmica do consumo de fármacos psicoativos entre acadêmicos de uma universidade do sul do Brasil, haja vista que o conhecimento do padrão de consumo é essencial no desenvolvimento de políticas públicas que incluem a prevenção e o tratamento do uso abusivo de substâncias psicoativas (CARLINI et al., 2004).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, com o delineamento de uma pesquisa transversal-descritiva. A população do estudo foi composta por acadêmicos do primeiro, terceiro e último ano de graduação dos cursos de medicina, direito e engenharia civil, das respectivas áreas do conhecimento: Ciências da Saúde, Ciências Humanas e Ciências Exatas, de uma Instituição de Ensino Superior (IES) da região sul do Brasil. Foram convidados a participar todos os acadêmicos dos referidos cursos que estavam presentes em sala de aula no dia da coleta. A pesquisa ocorreu no segundo semestre de 2012 e teve continuidade no primeiro semestre de 2013. Critérios de inclusão dos participantes: acadêmicos regularmente matriculados na fase do curso em estudo. Quanto aos critérios de exclusão: acadêmicos com idade inferior a 18 anos de idade e estudantes ausentes na sala de aula no dia da coleta de dados. A amostra se constituiu de 284 estudantes, sendo 99 do curso de Medicina, 79 do Direito e 105 do curso de Engenharia.

A investigação foi realizada por meio de um questionário estruturado (de autopreenchimento e sem identificação do acadêmico) elaborado com base nos instrumentos de coleta utilizados nos seguintes estudos: Atitudes e uso entre alunos da universidade de São Paulo – campi cidade universitária-, faculdade de direito e complexo da saúde (WAGNER et al., 2011); I Levantamento Nacional sobre o Uso de

Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras (BRASIL, 2010). Tais instrumentos foram previamente testados no Brasil pelos autores das pesquisas referendadas.

Os questionários preenchidos adequadamente foram digitados em planilhas construídas, especificamente para esse estudo no programa Excel®. Posteriormente, após revisão da qualidade do preenchimento dos formulários e da planilha, as informações foram transpostas para um banco de dados construídos no programa Statistical Package for Social Science 20.0 (SPSS) e, em seguida, passaram por análise estatística que se utilizou do teste Qui-quadrado para variáveis categóricas dicotômicas e o teste Kruskal-wallis para variáveis contínuas.

Os acadêmicos que participaram da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, de acordo com a Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade em que foi realizado o estudo, com protocolo número 219/12.

RESULTADOS

Dentre os acadêmicos que responderam o questionário 35,2% estavam matriculados no curso de medicina, 27,5% no curso de direito e no curso de engenharia civil 37,3%. Nessa população de acadêmicos havia pessoas de diferentes idades, sexo, situação laboral, período de graduação (ano) e situação conjugal.

A média de idade da população da pesquisa foi de 23,09 (DP 7,99) anos de idade. Ao comparar as médias de idade entre os cursos pode-se observar que o curso de engenharia civil possui a população mais jovem e mais homogênea quando comparado com os demais.

Entre os universitários, 54,4% eram do sexo feminino. Em uma análise da população por curso, nota-se que os cursos de direito e medicina possuem uma população composta, majoritariamente por pessoas do sexo feminino, 60,39% e 60,02% respectivamente. Já o curso de engenharia civil é representado em sua maioria por homens, 56,07%.

Ao verificar os resultados referentes à situação conjugal da população pesquisada é possível identificar que a maioria é composta por solteiros. Entre os universitários do estudo, 84,7% se declararam não casados(as).

Entre a população de universitários 61% são exclusivamente estudantes. Ao verificar a situação laboral nota-se que o curso de direito apresenta um maior número

de estudantes que realiza outros trabalhos (75%). Já no curso de medicina existe uma grande predominância que não trabalha, sendo que 98,01% se dedicam totalmente aos estudos.

Quanto ao uso de substâncias psicoativas, sem prescrição médica, entre os estudantes dos cursos de graduação, a tabela 1 demonstra os resultados desse estudo. Ressalta-se que nessa tabela apresenta-se somente a classe da substância psicoativa, contudo no questionário foi exposto ao lado de cada classe os nomes comerciais, para facilitar o entendimento e a memória dos estudantes participantes da pesquisa. Observa-se que 54% dos acadêmicos de medicina e 39,32 e 25,5%, dos acadêmicos de direito e engenharia, respectivamente, já consumiram uma vez na vida alguma substância psicoativa sem prescrição médica. Verifica-se que os acadêmicos de medicina apresentam uma razão de 1,37 em relação ao curso de direito e uma razão de 2,11 em relação ao curso de engenharia civil quanto ao fato de experimentarem fármacos psicoativos ($p < 0,001$), como apresentado na tabela 1.

Tabela 1- Uso de substâncias psicoativas, sem prescrição médica, entre acadêmicos do Curso de e Medicina, Direito e Engenharia, de uma universidade do sul do Brasil, 2013.

Variável	Categoria	Curso do acadêmico						Total	p	
		Medicina		Direito		Engenharia				
		n	%	n	%	n	%			
Usou fármaco psicoativo pelo menos uma vez na vida	Sim	54	54,0	31	39,2	27	25,5	112	39,3	0,001
Experimentou alguma vez na sua vida esteróides e anabolizantes	Sim	2	2,0	-	-	4	3,8	6	2,1	0,104#
Experimentou alguma vez na sua vida tranquilizantes e/ou ansiolíticos	Sim	27	27,0	18	22,8	12	11,3	57	20,0	0,015
Experimentou alguma vez na sua vida Sedativos ou Barbitúricos	Sim	-	-	1	1,3	4	3,8	5	1,8	0,062#
Experimentou alguma vez na sua vida analgésicos opiáceos	Sim	8	8,0	12	15,2	9	8,5	29	10,2	0,221
Experimentou alguma vez na sua vida anfetamínicos	Sim	17	17,0	7	8,9	5	4,7	29	10,2	0,013
Experimentou alguma vez na sua vida metilfenidato	Sim	23	23,0	3	3,8	2	1,9	28	9,8	< 0,001
Experimentou alguma vez na sua vida modafinil	Sim	5	5,0	-	-	1	1,0	6	2,1	0,028#
Experimentou alguma vez na sua vida antidepressivos	Sim	16	16,0	11	13,9	2	1,9	29	10,2	0,002

Resultado do teste qui-quadrado; # Resultado do teste da razão de verossimilhanças

O psicoativo mais usado pelos estudantes, sem prescrição médica, foi tranquilizante e/ou ansiolítico (20%). Na tabela 1 observa-se que o uso de metilfenidato (Ritalina®) foi maior no curso de medicina quando comparado aos demais cursos ($p < 0,001$). Os acadêmicos de medicina obtiveram uma razão de 6,08 e 12,01 em relação aos cursos de direito e engenharia civil respectivamente. Outro resultado estatisticamente significativo ($p = 0,002$) é o maior uso de antidepressivos pelos estudantes do curso de medicina.

Quanto à frequência com que os fármacos psicoativos são consumidos, entre os acadêmicos de cada curso de graduação, os dados na tabela 2 evidenciam que 20,1% dos acadêmicos consumiram esse tipo substância nos últimos três meses que antecedeu a pesquisa. Sendo que os antidepressivos são consumidos diariamente por 6,3% dos estudantes. Entre os acadêmicos do curso de medicina essa proporção é de 11,1%.

Tabela 2- Frequência de uso de substâncias psicoativas, segundo o curso de graduação, de uma universidade do sul do Brasil, 2013.

Variável	Categoria	Curso do acadêmico						Total	p	
		Medicina		Direito		Engenharia				
		n	%	n	%	n	%			
Uso de fármacos psicoativos nos últimos 3 meses	Sim	29	29,3	15	20,3	8	11,3	52	20,1	0,004
A frequência que utilizou esteroides anabolizantes	Nunca	98	99,0	78	100,0	105	99,1	281	99,3	0,681
	Uma ou duas vezes	-	-	-	-	1	0,9	1	0,4	
	Semanalmente	1	1,0	-	-	-	-	1	0,4	
A frequência que utilizou tranquilizantes/ ansiolíticos	Nunca	86	86,9	70	88,6	99	93,4	255	89,8	0,301
	Uma ou duas vezes	10	10,1	3	3,8	4	3,8	17	6,0	
	Mensalmente	2	2,0	2	2,5	1	0,9	5	1,8	
	Semanalmente	-	-	3	3,8	-	-	3	1,1	
	Diariamente ou quase todos os dias	1	1,0	1	1,3	2	1,9	4	1,4	
A frequência que utilizou sedativos ou barbitúricos	Nunca	95	96,0	75	94,9	103	97,2	273	96,1	0,739
	Uma ou duas vezes	3	3,0	3	3,8	2	1,9	8	2,8	
	Mensalmente	1	1,0	0	0,0	-	-	1	0,4	
	Semanalmente	-	-	1	1,3	-	-	1	0,4	
	Diariamente ou quase todos os dias	-	-	-	-	1	0,9	1	0,4	
A frequência que utilizou analgésicos opiáceos	Nunca	97	98,0	73	92,4	99	93,4	269	94,7	0,203
	Uma ou duas vezes	-	-	4	5,1	6	5,7	10	3,5	
	Mensalmente	2	2,0	2	2,5	-	-	4	1,4	
	Diariamente ou quase todos os dias	-	-	-	-	1	0,9	1	0,4	
A que frequência você utilizou anfetaminicos	Nunca	93	94,9	76	98,7	105	99,1	274	97,5	0,118
	Uma ou duas vezes	3	3,1	1	1,3	1	0,9	5	1,8	
	Mensalmente	1	1,0	-	-	-	-	1	0,4	
	Diariamente ou quase todos os dias	1	1,0	-	-	-	-	1	0,4	

A frequência que utilizou metilfenidato	Nunca	87	87,9	77	97,5	104	98,1	268	94,4	0,002
	Uma ou duas vezes	5	5,1	2	2,5	1	0,9	8	2,8	
	Mensalmente	3	3,0	-	-	1	0,9	4	1,4	
	Semanalmente	3	3,0	-	-	-	-	3	1,1	
	Diariamente ou quase todos os dias	1	1,0	-	-	-	-	1	0,4	
A frequência que utilizou modafinil	Nunca	96	97,0	79	100,0	105	99,1	280	98,6	0,206
	Uma ou duas vezes	3	3,0	-	-	1	0,9	4	1,4	
A frequência que utilizou antidepressivos	Nunca	87	87,9	71	89,9	102	96,2	260	91,5	0,079
	Uma ou duas vezes	1	1,0	2	2,5	1	0,9	4	1,4	
	Semanalmente	-	-	2	2,5	-	-	2	0,7	
	Diariamente ou quase todos os dias	11	11,1	4	5,1	3	2,8	18	6,3	
Resultado do teste Kruskal-Wallis										

As respostas em branco não foram consideradas para o cálculo.

Sobre a frequência do uso de fármacos psicoativos, sem prescrição médica em algum momento da vida, segundo o ano de graduação dos cursos, não houve diferença estatisticamente significativa nos testes qui-quadrado e razão de verossimilhanças, evidenciando que o tempo de permanência na universidade não interferiu na experiência do uso de substâncias psicoativas.

DISCUSSÃO

A média de idade dos acadêmicos participantes da pesquisa foi de 23,1 anos. Quando comparados aos estudantes universitários do Brasil pode-se notar que a população em questão é relativamente jovem, haja vista que a média de idade de ingresso nos cursos presenciais das universidades brasileiras é de 25 anos (BRASIL, 2010).

Ao verificar o resultado referente à situação conjugal da população pesquisada percebe-se que a maioria é composta por acadêmicos solteiros. Wagner (2011), em seu estudo, obteve resultados semelhantes quanto à situação conjugal, em sua pesquisa 88,8% dos acadêmicos eram solteiros, 9,9% casados, 0,8% separados e 0,3% viúvos.

Quanto ao sexo, verifica-se que há uma predominância de estudantes do sexo feminino (54,6%). Quando comparados à população universitária brasileira, os acadêmicos da pesquisa apresentam uma situação semelhante à população nacional, com predominância de universitários do sexo feminino, conforme foi apresentado no censo de educação superior de 2009, em que 55,1% das matrículas efetuadas são de

pessoas do sexo feminino e 58,8% do total de concluintes dos cursos de graduação são mulheres (BRASIL, 2010).

A situação laboral dos acadêmicos da pesquisa é composta predominantemente por estudantes que não realizam atividade de trabalho remunerado, sendo exclusivamente estudantes. Com destaque ao curso de medicina, que 98% dos acadêmicos se dedicam integralmente aos estudos, devido, possivelmente, à extensa carga horária do curso.

Lucas (et al., 2006) também constatou com seu estudo uma maior representatividade de acadêmicos solteiros (89,1%), do sexo feminino (65,7%), faixa etária variou de 19 a 21 anos, e que a maioria não possuía vínculo empregatício. De acordo com Vargas e Paula (2013, p. 459), embora a maioria dos estudantes brasileiros trabalhem, as políticas públicas e a legislação nacional não contemplam a particularidade dessa condição e, com isso, dificultam "a permanência do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na universidade".

Com relação ao uso de fármaco psicoativo sem prescrição médica, evidencia-se que 39,3% dos acadêmicos já utilizaram alguma vez na vida. Os estudantes do curso de medicina apresentam uma razão de 1,37 em relação ao curso de direito 2,11 em relação ao curso de engenharia civil. Tal resultado foi estatisticamente significativo ($p < 0,001$).

Em um estudo realizado com universitários de Porto Rico, 27,6% dos acadêmicos afirmaram terem feito uso de fármacos psicoativos sem prescrição médica, e relataram que o uso serviu como estratégia de enfrentamento do estresse e, destes, 35% afirma que o consumo melhorou a desempenho acadêmico (BETANCOURT, 2013).

Os fármacos psicoestimulantes estão amplamente disponíveis no meio universitário e são utilizados com objetivos não médicos. Essa classe particular de fármaco parece ser vendida aos estudantes que necessitam melhorar seu desempenho acadêmico (ARRIA DUPONT, 2011).

Quanto ao uso de tranquilizantes e/ou ansiolíticos, 20% dos acadêmicos afirmaram ter experimentado essas substâncias, sendo a classe de substância psicoativa mais consumida. Quando avaliado separadamente o consumo entre os cursos verifica-se que 27% dos acadêmicos de medicina já fizeram uso, 22,8% dos estudantes de direito e 11,3% na engenharia civil. Wagner (2011) apresentou em seu estudo um consumo de 8,2% (388), ao menos numa vez na vida, de tranquilizantes entre estudantes de uma universidade pública de São Paulo. Em relação ao curso de medicina, Lemos (et al.,

2007) em sua pesquisa, constatou uma frequência de 11,9% do uso de tranquilizantes e/ou ansiolíticos entre os universitários de uma universidade pública da Bahia.

De acordo com o primeiro levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras, 12,4% dos acadêmicos que participaram da pesquisa (aproximadamente 18 mil estudantes) relataram ter consumido tranquilizantes e ansiolíticos ao menos uma vez na vida. Ao serem indagados sobre o uso nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias o resultado foi de 8,4% e 5,8% dos acadêmicos respectivamente (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010).

Por sua vez, Opaleye (2013) identificou uma prevalência de 5% no consumo de tranquilizantes sem prescrição médica entre estudantes brasileiros de ensino médio. O autor também identificou que o uso de tranquilizantes/sedativos por parentes e amigos esteve associado a um maior consumo por parte dos estudantes e a prescrição médica prévia foi fator de risco para o uso sem prescrição desses medicamentos (RO: 6.61,95% IC: 4.87-8.98).

Entre os acadêmicos deste estudo, 10,2% já fizeram uso de antidepressivos sem prescrição médica. O curso de medicina foi o que apresentou maior consumo com 16%, já na engenharia civil 1,9% fizeram uso desse medicamento uma vez na vida. No estudo realizado por Scollari, Bastiano, Mella (2010), os autores encontraram que 9,51% dos acadêmicos já usaram antidepressivos, destes 25% pertenciam à Área de Humanas, 10% à Área de Exatas e 3,09% a Área da Saúde. Na pesquisa de Istilli (et al., 2010), realizado com acadêmicas do curso de enfermagem, verificou-se uma prevalência de 19% de consumo de antidepressivos entre as estudantes. No que diz respeito ao uso de metilfenidato (Ritalina®), esse estudo traz uma evidência estatisticamente significativa do maior uso dessa substância psicoativa no curso de medicina, quando comparado aos demais cursos. Numa razão de 6,08 e 12,01 do curso de medicina em relação aos cursos de direito e engenharia civil respectivamente.

Nos Estados Unidos o metilfenidato (Ritalina®) é uma das anfetaminas mais disponível e consumida. Essa classe de fármaco é utilizada, em muitos casos, com o objetivo de aumentar o desempenho físico e mental e induzir euforia. Exemplo disso é o uso dessas substâncias por estudantes durante testes e exames, por motoristas de caminhão em viagens longas, por empresários com prazos importantes a serem cumpridos e por atletas em competições. No entanto as indicações aprovadas atualmente pela U.S Food and Drug Association (FDA) limitam o uso de anfetaminas

nos casos de tratamento do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) e da narcolepsia (JAFJE, LING, RAWSON, 2007).

Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a produção e consumo de psicotrópicos, a produção de metilfenidato (Ritalina®) vem aumentando desde os anos 1990. Em 1990, a produção mundial anual de metilfenidato era de aproximadamente 2,8 toneladas, em 2011 essa produção atingiu as 48 toneladas (ONU, 2010).

Nas últimas décadas, houve um aumento no número de prescrições de estimulantes do sistema nervoso central destinado ao tratamento desse transtorno. Esse aumento se deve principalmente a critérios amplos no diagnóstico da doença, duração prolongada do tratamento e a continuação do transtorno após a vida adulta. Apesar da comprovada eficácia do metilfenidato no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) existe linhas de pesquisa que apontam para a possibilidade do uso não médico dessas substâncias especialmente entre estudantes universitários (SEPULVEDA et al., 2011).

Em uma pesquisa realizada, por Rabiner (et al., 2009) em duas universidades norte-americanas, identificou que 69% dos estudantes que alegam o uso de fármacos para TDAH fazem por meio de prescrição médica. Em contrapartida, 31% dos acadêmicos utilizaram a mesma classe de fármacos de modo abusivo, realizando consumo de doses maiores dos medicamentos, aumentando a frequência de uso ou utilizando medicação prescrita para outra pessoa e 26% admitiram ter dividido tais fármacos com colegas. De acordo com os estudantes entrevistados, a melhora do desempenho acadêmico extraclasse foi o principal motivo que levou ao uso abusivo de tais substâncias.

No estudo de Teter (et al., 2006) os principais motivos de uso de substâncias estimulantes do sistema nervoso central em universitários norte-americanos são o aumento dos níveis de concentração, melhora do desempenho acadêmico e diminuição da sensação de cansaço. Num estudo realizado com universitários graduandos e pós-graduandos, 93 dos 1324 participantes afirmaram já terem realizado a prática do ‘neuroenhancement’, ou seja, uso de substâncias psicoativas com o intuito de aprimorar o desempenho intelectual. Entre os principais motivos que levaram o consumo dessas substâncias foram à melhora na concentração (55%) e melhora do estado vigil (49%). Os principais motivos que levaram a prática do ‘neuroenhancement’ estão associados a

alto nível de estresse e sobrecarga de atividades acadêmicas (EICKENHORST et al., 2012).

De acordo com o Ministério da Saúde, a maioria do contingente universitário (47,8%) relaciona a motivação do consumo de drogas a problemas pessoais, atribuindo ao consumo uma maneira de amenizar os problemas existentes, já 10,7% desta população relata agregar o consumo de mais de uma substância psicoativa a fim de potencializar seus efeitos. Outros ainda expõem que comumente onde há substâncias psicoativas geralmente existe mais de uma disponível, associando o consumo à oferta, demanda e, mais uma vez, relacionando o ambiente como fator predisponente para o consumo (BRASIL, 2010).

Na pesquisa de Pereira (et al., 2008) com acadêmicos de medicina da UFES evidenciou uma preocupante realidade quanto ao alto consumo de drogas, com destaque para a falta de maturidade destes alunos, futuros profissionais da saúde, em relação aos riscos envolvidos no uso de substâncias psicoativas e as consequências pessoais, sociais e econômicas advindas do uso abusivo de substâncias psicoativas. Também destacaram a necessidade de uma melhor formação com a inserção de disciplinas curriculares no curso em questão que tratem do tema drogas, bem como sobre saúde mental e assistência ao paciente fármaco-dependente. Faz-se necessário a criação de programas voltados a prevenção do uso de drogas entre os universitários, pois, uma vez cientes do perfil da população de risco a ser assistida, as estratégias podem ser desenvolvidas de maneira muito mais efetiva.

Cada vez mais a sociedade vem se preocupando com o consumo descontrolado de substância psicoativa, uma vez que o consumo entre jovens ocasiona impactos econômicos e sociais, aumentando os índices de violência e abandono, fazendo que cada vez mais sejam repensadas as ações e políticas para que este problema seja solucionado (PORTUGAL; SIQUEIRA, 2011).

Estudo de Eckschmidt, Andrade e Oliveira (2013) sugere que os estudantes universitários brasileiros se envolvem com mais frequência no uso de drogas que seus pares da população geral. O uso parece ser peculiar, provavelmente por seu fácil acesso. Esse dado indica que há necessidade de se conhecer e ampliar o conhecimento das variáveis que interferem sobre o uso de drogas, pois estas informações serão fundamentais para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes, voltadas diretamente para esse segmento da população.

Dentre os fatores que influenciam e até mesmo propiciam o consumo de drogas, sendo elas ilícitas ou lícitas, está o acesso à universidade, em que o jovem se liberta do seio familiar quando vai para centros distantes da sua origem. O uso ocorre por vezes para favorecer a integração e os relacionamentos interpessoais e também quando se busca novas experiências, tornando assim esse contingente populacional vulnerável ao consumo (PICOLOTTO et al., 2010). Dessa maneira o ambiente universitário deve ser otimizado para promover discussões, pois existe a liberdade para debates frente aos mais variados temas, assim como promover a criação de espaços e ambientes permanentes para esta discussão (PORTUGAL; SIQUEIRA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idade média dos universitários estudados foi de 23,09 anos, uma população jovem e com predominância do sexo feminino. A maior parte se diz solteiro e não trabalhador formal. Quanto ao consumo de fármacos psicoativos, observou-se que mais de um terço (39,3%) dos universitários já fizeram uso desse tipo de substância sem prescrição médica. Dentre as drogas mais usadas destacam-se os tranquilizantes e ansiolíticos, com uma frequência de 20%, seguida por anfetamínicos, antidepressivos, com frequência de 10,2% e Ritalina®, com 9,8%. Chama a atenção para a frequência de uso dessas substâncias entre os acadêmicos do curso de medicina, pois foi estatisticamente significativa a diferença da frequência do uso em relação a acadêmicos de outros cursos.

Com relação ao uso dessas substâncias psicoativas por ano de graduação, não houve diferença estatística significativa. Isso evidencia uma tendência de que o consumo dessas substâncias se mantém constante no decorrer dos anos de formação acadêmica, não aumentando, nem diminuindo.

Os resultados desse estudo devem ser levados em consideração, quando se pensa em promover a prevenção do uso abusivo de substâncias psicoativas no meio universitário, pois o uso desnecessário pode ser desencadeado por questões de relacionamento social e sobrecarga de atividades acadêmicas, ou pela imaturidade do estudante em organizar seu tempo e priorizar tarefas. Outrossim, são necessárias investigações mais abrangentes dos aspectos envolvidos no consumo de substâncias psicoativas entre os estudantes, bem como sobre os impactos deste consumo no processo de formação de profissionais da área da saúde, que terão por competência

prestar cuidados a população, bem como sobre as consequências físicas, psíquicas e sociais do uso para o estudante.

Almeja-se que a realidade apresentada nesse estudo, instigue professores e direções de instituições de ensino superior a lançar um olhar atento aos estudantes, principalmente os ingressantes, como sujeitos em processo de formação que necessitam de apoio emocional e social para adaptarem-se a esse novo universo, que é vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE A. G. de; DUARTE P. do C. A. V.; OLIVEIRA L. G. de. **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília, [online] 2010. Disponível em: <<http://www.grea.org.br/userfiles/GREA-ILevantamentoNacionalUniversitarios.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

ARRIA, A. M, DUPONT, R. L. Non-Medical Prescription Stimulant Use Among College Students: Why We Need To Do Something and What We Need To Do. **J Addict Dis**, [online] v.29, n.4, p.417-426, out.2010. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2951617/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

BETANCOURT J. et al. Non-medical use of prescription drugs and its association with socio-demographic characteristics, dietary pattern, and perceived academic load and stress in college students in Puerto Rico. **Puerto Rico Health Science Journal**, [online] v. 32, n.2, p.89-94. Jun 2013. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23781625>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

BRASIL. **I Levantamento Nacional Sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas Entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**. 2010. [online]. Disponível em: <http://www.grea.org.br/I_levantamento/I_levantamento_nacional.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Relatório brasileiro sobre drogas** / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília: SENAD, 2009.364 p.

BRASIL. **Relatório Brasileiro sobre Drogas**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. [online]. Brasília, 2008. 48p. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/dr_drogadicao/dr_outros_dr_ogadicao/plano_enfrentamento/pevb_levantamentos/relatorio%20uso%20drogas%20no%20brasil_senad.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

BRASIL. **Resumo Técnico Censo da Educação Superior de 2009**. [online]. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo_tecnico2009.pdf> Acesso em: 22 nov. 2016.

CARLINI, E. L. de A., et al.. V Levantamento Nacional sobre consumo de drogas Psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio na Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras (2004). **Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID**, [online]. Disponível em: <www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/levantamento_brasil2/>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CARVALHO, L. de F.; DIMENSTEIN, M. O modelo de atenção à saúde e o uso de ansiolíticos entre mulheres. **Estud. psicol.**, [online]. Natal, v. 9, n. 1, pp. 121,129, Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2016.

CECCHETTO, F.; MORAES, D. R. de; FARIAS, P. S. de. Distintos enfoques sobre esteroides anabolizantes: riscos à saúde e hipermasculinidade. **Interface (Botucatu)**, [online]. Botucatu, v. 16, n. 41, Jun 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 nov. 2016.

EICKENHORST, P. et al. Neuroenhancement among German university students: motives, expectations, and relationship with psychoactive lifestyle drugs. **J Psychoactive Drugs**, v.44, n.5, p.418-27. Nov-Dec 2012.

ECKSCHMIDT, F.; ANDRADE, A. G. de; OLIVEIRA, L. G. de. Comparação do uso de drogas entre universitários brasileiros, norte-americanos e jovens da população geral brasileira. **J. bras. Psiquiatr.**, [online]. 2013, vol.62, n.3, pp. 199-207. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852013000300004&lng=en&nrm=iso Acesso em: 18 nov. 2016.

IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cad. Saúde Pública**. [online]. Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, Apr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2016.

ISTILLI, P. T. Antidepressivos: uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, [online]. v.18, n.3, mai-jun 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000601825&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 nov. 2016.

JAFFE, J. H.; LING, W.; RAWSON, R. A.; Amphetamine (or Amphetamine like)-Related Disorders In: **Kaplan & Sadock's Comprehensive Textbook of Psychiatry** 8ed v.1 Philadelphia: LIPPINCOTT WILLIAMS & WILKINS, 2005 p.1188-1200

LEMONS, K. M. et al. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). **Rev. psiquiatr. clín.**, [online]. São Paulo, v. 34, n. 3, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 nov. 2016.

O'BRIEN, C. P. Drogagem e uso abusivo de drogas In: **Goodman & Gilman as Bases Farmacológicas da Terapêutica**. 11 ed Porto Alegre: ARTMED, 2010 p.543-562

OPALEYE, E. S. et al. Nonprescribed use of tranquilizers or sedatives by adolescents: a Brazilian national survey. **BMC Public Health**. n.13 mai 2013.

PEREIRA, D. S. et al. Uso de substâncias psicoativas entre universitários de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo. **J. bras. psiquiatr.**, [online]. Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852008000300006&lng=en&nrm=iso Acesso em: 18 nov. 2016.

PICOLOTTO, E. et al. Prevalência e fatores associados com o consumo de substâncias psicoativas por acadêmicos de enfermagem da Universidade de Passo Fundo. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2010, vol.15, n.3, p. 645-654. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n3/v15n3a06.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

RABINER, D. et al. The misuse and diversion of prescribed ADHD medications by college students. **J Atten Disord.**;v. 13, n. 2, p. 144-53, mai 2009. Acesso em: 21 nov. 2016.

SEIBEL S. D.; TOSCANO Jr. A. Conceitos básicos e classificação geral de substâncias psicoativas. In: SEIBEL S. D.; TOSCANO Jr. A. **Dependência de drogas**. Ed Atheneu, 2001, pp.1-6.

SEPÚLVEDA, D. R. et al., Misuse of Prescribed Stimulant Medication for ADHD and Associated Patterns of Substance Use: Preliminary Analysis Among College Students. **J Pharm Pract**, [online] v.24, n.6, p.551–560, dez 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3277944/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

SZUPSZYNSKI, K. P. Del R.; OLIVEIRA, M. da S. O Modelo Transteórico no tratamento da dependência química. **Psicol. teor. prat.**, [online] São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2016.

TAVARES, B. F.; BÉRIA, J. U.; LIMA, M. S. de. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Rev. Saúde Pública**, [online] v. 35, n. 2, p. 150-58, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102001000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2016.

TETER, C. J et al. Illicit Use of Specific Prescription Stimulants Among College Students: Prevalence, Motives, and Routes of Administration. **Pharmacotherapy**, v.26, n.19, p1501-1510, out. 2006. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1794223/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. de F. C. de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação (Campinas)** [online]. 2013, vol.18, n.2, pp. 459-485. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772013000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2016.

WAGNER G. A. Álcool e drogas: terceira pesquisa sobre atitudes e uso entre alunos da Universidade de São Paulo – campus São Paulo (Cidade Universitária, Complexo da Saúde e Faculdade de Direito). São Paulo: **Universidade de São Paulo – USP**. [online] 2011. Disponível em:< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-27062011-123240/pt-br.php>>. Acesso em: 22 nov. 2016.